



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 18, n. 01, art. 13, p. 289-312, jan. 2021

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.18.01.13>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



O Perfil de Pedro Romero na Historiografia Sobre a Independência de Cartagena de Indias

Pedro Romero's Profile on The Historiography on the Independence of Cartagena de Indias

Milton Araújo Moura

Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Pernambuco
Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia
miltonmoura7@gmail.com

Enzo Lago do Nascimento

Graduação em história pela Universidade Federal da Bahia
enzolago99@gmail.com

Endereço: Milton Araújo Moura

Av. Adhemar de Barros, s/n° - Ondina, Salvador - BA,
40170-110 Brasil.

Endereço: Enzo Lago do Nascimento

Av. Adhemar de Barros, s/n° - Ondina, Salvador - BA,
40170-110 Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 14/11/2020. Última versão
recebida em 26/11/2020. Aprovado em 27/11/2020.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O presente artigo propõe compreender a figura de Pedro Romero a partir de perspectivas historiográficas contemporâneas, como aquelas aportadas por Alfonso Múnera e Sergio Paolo Solano de las Aguas. Inicialmente, reconstruímos alguns aspectos cenário cartageneiro de finais do século XVIII e início do XIX. Em seguida, buscamos situar a reflexão como um aprofundamento dos debates que se referem à família Romero Porras, destacando, seguidamente, o mulato artesão Pedro Romero.

Palavras-chave: Pedro Romero. Cartagena de Indias. Caribe. Historiografia. Colômbia.

ABSTRACT

This article proposes to understand the profile of Pedro Romero in contemporary historiographical perspectives, such as those brought by Alfonso Múnera and Sergio Paolo Solano de las Aguas. Initially, we reconstruct some aspects of the scenario of the late eighteenth and early nineteenth centuries in Cartagena de Indias. Next, we seek to situate the reflection as a deepening of the debates that refer to the Romero Porras family, highlighting, then, the mulatto craftsman Pedro Romero

Key-words: Pedro Romero. Cartagena de Indias. Caribe. Historiography. Colombia.

1 INTRODUÇÃO

A História que acompanha a bela cidade caribenha de Cartagena de Indias, na costa atlântica da Colômbia, detém uma dramaticidade singular. Tal característica pode ser observada tanto nos eventos que culminaram na Declaração de Independência Absoluta, em 11 de novembro de 1811, quanto naqueles dos anos seguintes, até a Reconquista pela Espanha, em 1815. É possível notar que este intenso intervalo de tempo, caracterizado por certa liberdade política e institucional, aporta virtudes capazes de inquietar desde a elite *criolla* cartageneira até a própria Metrópole. Destacamos, aí, o protagonismo dos negros e mulatos trabalhadores que viviam no bairro de Getsemaní.

Cartagena alcançou relevância significativa no contexto do Vice-Reinado de Nova Granada. Suas imponentes muralhas não instigam somente as lembranças que se referem às batalhas travadas em seu entorno. Durante cerca de três séculos, o porto adjacente à *Ciudad Amurallada* perpassou quantidades descomunais do ouro e da prata das regiões andinas, obtidos inicialmente através do saque e, após algumas décadas, também da mineração. O historiador cartageneiro Alfonso Múnera (1998, p.64) aponta que, sobretudo por conta das suas condições geográficas e militares, a cidade se configurou como um centro de intenso intercâmbio de produtos, seja por vias legais, seja por contrabando.

Getsemaní também se caracterizou, diferentemente da vida dentro das muralhas, por possuir as condições geomorfológicas para bem assentar um porto. E este porto, incluindo a dinâmica da importação e redistribuição de cativos africanos e a exportação de metais preciosos, cumpriu seu papel como uma das sedes estratégicas do Império Espanhol na América. Tal condição transformou a vida do bairro mais populoso de Cartagena num caldeirão demográfico múltiplo, étnica e socialmente.

Sergio Paolo Solano de Las Aguas (2016) aponta que em sua constituição populacional não constavam majoritariamente artesãos (seja mulatos ou pardos), como propusera Múnera (1998). *Jimaní*, como aparece o nome do bairro em outras fontes, possuía certa complexidade e variedade em termos de formas de inserção no universo do trabalho – coexistindo distintas atividades artesanais, como carpinteiros, ferreiros e profissões ligadas à vida marítima, por exemplo.

Neste sentido, importa passar em revista, ainda que brevemente, as dinâmicas que se estabeleceram entre a vida dentro e fora das muralhas. Para tanto, torna-se necessário assinalar que o bairro, no contexto do final do século XVIII e início do XIX, além de ser uma

periferia, não fazia parte daquilo que se configura, ainda hoje, como a *Ciudad Amurallada*, ou o *Corralito de Piedra*.

A centralidade da estrutura administrativa de Cartagena, como o *Cabildo*, órgão administrativo e representativo tanto da Coroa quanto do *Virrey* de Santa Fé de Bogotá, encontrava-se dentro das muralhas. De las Aguas (2016) afirma, a partir de um censo feito em 1777, que no bairro de *Santo Toribio* residia uma quantidade de pessoas escravizadas e trabalhadores livres, maior que aquela correspondente à elite espanhola ou *criolla*. Os brancos pobres e trabalhadores viveram, também, em *Getsemaní* – ao lado dos mulatos artesãos, como um personagem chamado Pedro Romero. A partir do mesmo censo, Castellucci Junior (2013, p. 99-100) observa que a maior parte da população cartageneira era constituída por *mulatos*, portanto, os descendentes diretos ou próximos de africanos. Tal categoria poderia ter sido desenvolvida para especificar os sujeitos livres, enquanto as denominações de *escravos* para os negros nascidos na América e *negros* para aqueles vindos diretamente de África.

Apresentados alguns elementos para a compreensão de um cenário mais amplo de Cartagena, seguiremos em direção às questões centrais desta reflexão. Os integrantes do movimento que buscava a Independência Absoluta, liderados por Pedro Romero, e de grande maioria negra e mulata, partiram da *Plaza de la Trinidad* (URUETA, 1912), no bairro de Getsemaní, em direção ao *Cabildo*, ou seja, para dentro das muralhas, no dia 11 de novembro de 1811. Armados também de ideais libertários, como a novidade, na época, que chegava da Europa como ideias de igualdade entre os indivíduos cidadãos, pressionaram a elite política *criolla* cartageneira no sentido de redigir e assinar sua Acta e declarar rompimento e autonomia radical em relação à Espanha. A experiência emancipacionista não duraria tanto assim... Em 1815, a Metrópole empreendeu uma série de retaliações, culminando no assalto comandado pelo General Pablo Morillo, até restaurar seu poder num processo que ficou conhecido como a Reconquista.

Tal movimento de independência não foi somente um marco memorial, como também uma desarmonia na narrativa histórica *criolla* – que buscava a construção de uma nacionalidade colombiana que, por sua vez, justificaria também sua hegemonia. Ora, os protagonistas e pioneiros nas “lutas contra Espanha” poderiam ser negros e mulatos trabalhadores de um bairro periférico?

Neste sentido, torna-se oportuna uma breve apresentação de dois historiadores que, dentre outros, se destacaram na elaboração de uma narrativa conservadora e “tradicional”. José Manuel Restrepo [1781-1863], publicou na França, em 1827, *La Historia de la Revolución de la República de Colombia*, obra que cumpriria o papel de primeira narrativa a

se preocupar com a formação da Gran Colombia como um estado nacional. Já Eduardo Lemaitre Román [1914-1994] atuou como presidente da Academia de História de Cartagena de Indias e publicou em 1983 a sua *História General de Cartagena* que, assim como Restrepo, marcou a historiografia colombiana (MÚNERA, 2010).

Como estes dois senhores, consagrados e representantes de uma narrativa, por assim dizer, conservadora e tradicional, se posicionaram quanto ao protagonismo dos negros e mulatos na Independência Absoluta? O que elaboraram quanto aos personagens que assumiram papéis de lideranças no movimento, como o mulato Pedro Romero?

A intensão do presente artigo é desenvolver tais questionamentos, demonstrando, a partir de Alfonso Múnera, como os historiadores mais conservadores se apropriaram da alcoolemia para desmoralizar o protagonismo daqueles que foram fundamentais no processo de independização. Para tanto, será importante explicitar alguns elementos que reconstruam o cenário cartageneiro na transição do final do século XVIII para o XIX. Desta maneira, será possível situar mais apropriadamente um personagem polêmico conhecido como Pedro Romero, recorrendo à contribuição de De las Aguas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O contexto sócio-histórico de Cartagena de Indias na virada do século XIX

Para auxiliar o entendimento de um personagem tão notável como Pedro Romero, é inevitável que sejam expostas algumas considerações acerca da conjuntura socio-espacial cartageneira de finais do século XVIII. Neste sentido, recorreremos ao consagrado historiador colombiano Alfonso Múnera, tendo como eixo da reflexão *El fracaso de la nación* (1998), em que, dentre outros aspectos, realça as atuações dos negros e mulatos tão essenciais nos conflitos deflagrados contra a metrópole.

Um dos argumentos de Múnera é que, nos processos que levariam à independização formal de Nova Granada, as três regiões que compunham o cenário do território que hoje se compreende como Colômbia, assim como suas respectivas elites, não tinham planos e intenções conjuntos. A narrativa acerca das lutas deflagradas contra o domínio espanhol foi apropriada pelas elites *criollas* após os conflitos que resultaram na derrocada de Cartagena de Indias, em 1815.

Seguindo tal perspectiva, Múnera aponta como as condições geográficas neogranadinas teriam relevância suficiente ao ponto de serem capazes de demonstrar como a

ideia da “nação unificada desde os tempos coloniais” pode ser equivocada. Para o historiador, Nova Granada, no decorrer do processo colonizatório, acabou por desenvolver três diferentes sistemas que se conduziam praticamente independentes – tanto culturalmente quanto em relação à obediência à Coroa espanhola. Tal circunstância foi de suma importância para a construção de, por assim dizer, *individualidades*. Não seria pelo fato de integrarem o território neogranadino, ou o que hoje se compreende como Colômbia, que viriam a se comportar de maneira similar.

Sendo assim, delimitemos brevemente as três grandes regiões propostas: a capital, Santa Fé de Bogotá, acabou por centralizar as comunidades que se definiram a partir dos Andes; o sudoeste, onde também está localizada a cidade de Cali, pode ser percebida por ter no Oceano Pacífico uma referência singular para os grupos que lá habitam; e por fim, e alcançando relevância nesta discussão, o Caribe colombiano, onde se encontra Cartagena de Indias.

É importante, antes de prosseguirmos, levar em conta que a institucionalização de Nova Granada como um *Virreinato* veio mais tardiamente, por volta do ano de 1739, em comparação às outras regiões dominadas por Espanha, que percebeu como seria mais proficiente assegurar suas posses dividindo-as e estabelecendo mecanismos burocráticos que representariam em cada unidade o poder real. Tal estratégia pode ser compreendida em função de diversos fatores. Múnera (1998) aponta que a região caribenha, por ter um contato direto com a troca e o encaminhamento de todas as informações que partiam da Metrópole para as regiões continentais, apresentava certa autonomia no sentido de ignorar ou relativizar os mecanismos burocráticos que influenciariam nas deliberações administrativas. Em vez de contatar primeiramente com a antiga capital – Lima, seguindo o modelo burocrático, o Cabildo cartageneiro preferia comunicar-se diretamente com Espanha. Ora, era mais rápido tomar um navio diretamente para a Espanha que enviar um emissário que talvez demorasse meses para trazer de Santa Fé de Bogotá as soluções de situações que talvez necessitassem de resoluções mais imediatas.

A consideração de tais atitudes que, em certa medida, beiravam anárquicas e autossuficientes, também ajudam a compreender como Cartagena de Indias lidava com o comércio ilegal e dividia com a cidade de Santa Cruz de Mompox, na hinterlândia do Caribe colombiano, às margens do Rio Magdalena, a fama de ser a cidade com o maior volume de contrabando em todo o Caribe continental. Era a região com os *apostaderos* mais relevantes e com maiores transações em comparação a todos os outros polos comerciais de Nova Granada. Por quase todo o século XVIII, as trocas que burlavam o sistema de fiscalização espanhol

foram muito intensas. Todos se relacionavam direta ou indiretamente com o tráfico de mercadorias – constituindo-se, dessa maneira, como um traço forte da cultura cartagenera (MÚNERA, 1998).

A *Joya de la Corona*, devido ao crescimento do tráfico e à comercialização de pessoas trazidas de África em seus portos, acabou por ser reconhecida como uma cidade de traços culturais e étnicos notadamente negros – ao contrário de Santa Fé de Bogotá, que se relacionou ao semblante indígena de maneira mais intensa, constituindo-o como característica étnica e social marcante.

Para lidar com a condição “instável” em Nova Granada – logo após a Guerra dos Sete Anos –, os Bourbon incentivaram o recrudescimento dos mecanismos burocráticos. Tais interferências foram significativas para interpretar as crises que levaram à queda do regime colonial espanhol. As interferências nos âmbitos comerciais e em determinados segmentos militares buscaram reafirmar a condição neogranadina de Colônia espanhola, o que acabou por resultar em algumas insatisfações por parte das elites americanas, uma vez que repercutiu na maneira de como se administrava.

Para melhorar a situação dos colonos, as reformas custaram mais impostos, o que, de novo, não agradou à elite *criolla* – ocasionando algumas pequenas revoltas. Alguns produtos que alcançaram notoriedade no mercado neogranadino, como o tabaco e a aguardente, acabaram sofrendo um controle maior nos meios onde eram produzidos e em sua venda, uma vez que eram parte fundamental da renda.

As reformas burocráticas e fiscais proporcionadas pelos Bourbon miraram também o comércio ilegal, que já no século XVIII era muito forte em Cartagena de Indias; dir-se-ia incontrolável. Segundo Múnera, a Coroa tentou formalizar aquilo que conseguiria a fim de lucrar em cima das transações que, naquele momento, faziam circular três vezes mais dinheiro que a economia legal (MÚNERA, 1998).

A *Ciudad Amurallada* era um dos centros mais influentes no que se refere à pirataria e trocas não oficiais – contando com a participação de todas as camadas sociais. De certo modo, a lógica que se estabeleceu em Cartagena foi de dependência do comércio ilegal, uma vez que este supriria as demandas básicas de alimentos, por exemplo. A economia girava em torno deste sistema ilícito, que, inclusive, garantiu enriquecimento para alguns *criollos*.

A Coroa espanhola baixou um decreto que desestimulava a produção de víveres nos arredores de Cartagena de Indias. A cidade ficou dependente de importações como a farinha, sendo autorizada a comprar somente das regiões insulares – muitas vezes mais caras e de menor qualidade se comparada às estrangeiras (MÚNERA, 1998). Desta maneira, aqueles

comerciantes que vendiam os produtos agrícolas que produziam, estariam praticando comércio ilegal, que, embora essencial, era visto com maus olhos, recebendo a alcunha de *pulpero*, uma designação pejorativa.

Cartagena de Indias, por volta de 1807, sofreu com a insuficiência no abastecimento de víveres primordiais como a farinha, e o enfraquecimento do comércio legalizado contribuiu para configurar um cenário institucionalmente caótico. As trocas ilegais ganharam cada vez mais força, principalmente por ter sido Cartagena a única província a ser autorizada a comercializar com o estrangeiro até por volta de 1779, o que significa que seus negociantes do *Apostadero de la Marina* poderiam ter mantido esses contatos até início do século XIX facilmente. Neste momento de crise, não seria de estranhar um aumento no número de desempregados, como era o caso de alguns artesãos que não conseguiram consolidar-se no mercado cartageneiro.

Dado um contexto mais generalizado de Cartagena de Indias no período que antecedeu a Independência Absoluta em 1811, para que possamos compreender melhor o cenário no qual estava incluso Pedro Romero, podemos prosseguir as reflexões no sentido de compreender de maneira mais aproximada o contexto do bairro de Getsemaní.

Para Solano De las Aguas, o *Apostadero de la Marina* detinha, em Getsemaní, uma importância crucial para toda sua complexidade social e econômica. Importa lembrar que o bairro se encontrava fora das muralhas principais de Cartagena – possuindo, para sua defesa, uma muralha chamada *Pedregal*; que ainda assim não garantiria tanta segurança em caso de um ataque muito hostil, como apontaram alguns engenheiros militares, como Miguel de Anguiano em 1805 (DE LAS AGUAS, 2016, p.40).

Pelo seu porto, circulava todo tipo de pessoas de todos os lugares do Caribe, sejam mercadores com produtos ilegais ou não, sejam traficantes de escravizados, sejam ainda apenas marinheiros. De certa maneira, a configuração de *Jimaní* se deu a partir das necessidades que a vida marítima impunha. Mesmo que Cartagena não detivesse a grandiosidade de La Habana – em termos espaciais –, no mesmo período em relação à construção naval, os ateliers e artesãos ligados à reparação e manutenção de barcos ganharam muito espaço.

Figura 1 – Barrios de la Cartagena colonial



Fonte: VIVES, Alberto Abello. *Cartagena de Indias. Sociedad, trabajadores y independencia en el tránsito del siglo XVIII al XIX*. Cartagena de Indias, 2016, p. 18.

De maneira geral, Cartagena merece o reconhecimento de uma cidade na qual a maioria dos habitantes detém alguma descendência africana. No que se refere à constituição étnico-racial, a cidade ainda nos apresenta uma diversidade expressiva. O historiador Castellucci Junior (2013, p. 99-100) aponta que dois terços da população cartagenera urbana era composta por *mulatos*, se pretendemos que esta qualificação se referia aos indivíduos livres. Em termos de quantidades, o restante da população seria, em ordem decrescente, de *escravos* (os negros nascidos na América); *brancos*; *negros* (os escravizados nascidos em África) e apenas um por cento do total *peninsulares*.

A partir de certo relato de um capitão da marinha espanhola, Edgar Rey Sinning (2008) nos apresenta quase um painel descrito de Getsemaní por volta do final do século XVIII e início do XIX. Sendo o bairro com o maior número de habitantes em toda a

Cartagena, Jimaní não era identificado como uma área nobre e, mesmo sendo periférico ao centro da cidade, tampouco estava entregue ao acaso e ao descaso. A cidade possuía ruas bem delineadas e algumas pavimentadas com pedregulhos. Suas praças (Santo Toribio, Inquisición e Aduana) estariam em plena combinação em relação à arquitetura das casas ao redor. Para aqueles que dispunham de certa condição financeira, em Getsemaní poder-se-ia encontrar, inclusive, moradias com dois andares (sendo um deles um atelier de artesanato, por exemplo).

Figura 2 – Cena cotidiana atual no bairro de Getsemaní, Cartagena de Indias.



Fotografia: Milton Moura

Alfonso Múnera (1998, p.179) ressalta que Getsemaní concentrava o maior número de cidadãos e sua composição era, em grande parte, de artesãos mulatos e negros – sendo que alguns ainda faziam parte das milícias pardas, possuindo algum conhecimento militar. Para Solano de Las Aguas (2016), no entanto, ao se aprofundar nas documentações que se referem ao bairro, percebe-se que sua descrição é um tanto mais complexa que aquela apresentada anteriormente. No bojo das atividades econômicas do bairro, os artesãos não se destacariam tanto pela quantidade – mesmo com certa variedade laboral, ainda que comparado a outras localidades na mesma cidade –, e sim pela relação com as atividades do *Arsenal-Apostadero de la Marina*.

Ainda sobre a composição étnica de Getsemaní, De las Aguas (2016) atenta para os brancos que lá moravam – muitas vezes pobres e correspondendo a uma significativa parcela dos residentes. A narrativa que ganhou mais força, inclusive na historiografia tradicional, é a

de um bairro com maior número de pessoas, e que não consideraria sua heterogeneidade em termos de raça.

Cabe pontuar também acerca da parca presença de escravizados em *Jimaní*. Tal característica pode ser interpretada como um indício da baixa condição socioeconômica dos seus habitantes. É possível encontrar registros de famílias que possuiriam até dois escravizados, o que não simbolizaria uma grande fortuna e, em relação a Santo Toríbio, um bairro que se encontra dentro das muralhas, é muito pouco. De maneira geral, De las Aguas (2016) demonstra que Getsemaní era predominantemente pobre e constituído, também, de famílias de classe média que faliram (ou nunca “ascenderam”) – e não resumidamente um bairro de mulatos artesãos e pardos da milícia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A singularidade do perfil de Pedro Romero

Voltemo-nos então para a compreensão do personagem Pedro Romero a partir dos historiadores acima comentados.

Tendo como foco a Independência Absoluta e a reinterpretação da narrativa historiográfica nacionalista colombiana, Múnera (1998), ao tratar do icônico Pedro Romero, não explorou muito as atividades laborais que exercia no período anterior ao 11 de novembro, ou, como se costuma dizer em Cartagena de Indias, *El Once*. De maneira geral, caracterizou-o como um mulato, residente de Getsemaní, com certa influência na vida dos habitantes do bairro. Em *El fracasso de la Nación*, o autor aponta que não existem fontes suficientes para descrever sua fisionomia, assim como outras lacunas – embora defenda que Pedro fosse um mulato e não um pardo.

As fontes que o historiador também utiliza são, na sua grande maioria, documentações e testemunhos da elite *criolla*, ou seja, uma perspectiva elitista para com as classes subalternas de Cartagena. O historiador ainda expõe certa dificuldade na busca por fontes pelo fato de a “Reconquista” espanhola ter destruído muitos documentos do período.

Sin embargo, sobre los líderes populares, Pedro Romero y Pedro Medrano, hay muy escasas noticias, en particular sobre el último. No se ha encontrado siquiera una descripción física detallada de ellos. Sobre Medrano no conocemos casi nada, fuera de las imágenes vagas creadas por contemporáneos criollos y por la historia tradicional de la presente centuria. Sólo fragmentos esparcidos en documentos e historias oficiales se conservan sobre Romero, su esposa, sus hijos y su liderazgo. (MÚNERA, 1998. p. 23).

Em um determinado momento, conseguimos notar a aparição de nosso protagonista quando Múnera trata de um movimento encabeçado pela elite *criolla* – que já estava em conflito com o *Virrey* de Santa Fé – em 1810, na qual convoca Pedro Romero e Juan José Solano para angariar o apoio popular do bairro de Getsemaní contra o Governador Francisco Montes. Garcia de Toledo, um dos mais eloquentes membros do *Cabildo* cartageneiro, entrou em acordo com tais personagens, inclusive armando alguns dos participantes do movimento, para enfrentar uma situação que prejudicava muitos indivíduos de distintos setores sociais, mas de maneira que não afetasse tanto seus privilégios quanto o próprio sistema colonial.

Sobre a participação de Romero no processo que culminou na Declaração da Independência Absoluta de Cartagena de Indias, Múnera (1998) o destaca como um dos principais líderes do movimento. Na manhã do dia 11 de novembro de 1811, reuniu os *Lanceros de Getsemaní*, assim como os negros e mulatos, trabalhadores do mesmo bairro, com o apoio de outros indivíduos, como Pedro Medrano, caminharam até o *Cabildo* cartageneiro armados, para exigir o rompimento com a metrópole.

Sobre a situação de Pedro Romero após a Independência, Múnera constata:

El dirigente máximo del Pueblo cartagenero hasta la asamblea constituyente de 1812 fue Pedro Romero. Romero perteneció a esa clase respetable de artesanos mulatos que desde finales del siglo XVIII se había propuesto acortar las distancias que la separaban de los criollos. **Nacido en Matanzas, Cuba, desde muy temprano se estableció en Cartagena.** En 1778, a la edad de 24 años, vivía en el barrio de Santa Catalina y se encontraba ejerciendo el oficio de herrero (*Idem*, p. 23, Grifo nosso)¹.

No ano de 1812, Pedro Romero foi eleito para participar da criação da nova constituição do Estado de Cartagena. Este momento é marcante. Ora, não era todo dia no século XIX que um indivíduo de cor poderia ter uma presença participativa num processo tão importante. Múnera (1998) ainda aponta que a elaboração de tal texto incluiria a proibição da venda de escravizados, criando, também, um fundo para que se pudesse libertá-los gradualmente. Vale ressaltar que a interferência de escravistas *criollos* poderosos, como Garcia de Toledo e Santiago Gonzáles, impediu atuações mais incisivas no combate à escravidão. Necessário pontuar que o movimento independizador também abriu espaço para outros mulatos como o filho de Pedro, Mauricio Romero.

Já em 1815, Pedro Romero readquiriu a credibilidade das elites *criolla* e, em março do mesmo ano, fez parte do Estado Maior de Guerra, que se opôs fortemente a entregar as

¹ Atentemos rapidamente para um detalhe que será melhor discutido adiante: o autor afirma que Romero era um Cubano nascido em Matanzas.

armas para Bolívar (*Idem*, p. 203). Em outubro, estava integrando a Câmara dos Representantes da província, sendo um dos líderes militares mais distintos de Cartagena.

Voltando agora às fontes sobre Romero comentadas por Múnera e a participação dos negros e mulatos no processo independizador de Cartagena, 1811, tomemos, ainda que brevemente, da interpretação desmoralizadora dos historiadores tidos como tradicionais: José Manuel Restrepo e Eduardo Lemaitre Román. O que está sendo proposto neste momento não se refere diretamente a Pedro Romero, mas torna-se necessário abordar no sentido de compreender melhor o contexto em que ele se insere.

Restrepo afirma, sem fontes que possam corroborar tal especulação, que a *plebe* praticou atos de insolência ao exigir o rompimento com a Espanha, igualdade racial e fim da escravidão por terem adentrado o *Cabildo*, armados, e forçado a elite dirigente *criolla* a assinar a Acta de Independência (MÚNERA, 2010). Restrepo ainda afirma que Gabriel Piñeres, um dos líderes do movimento, um *criollo* momposino, estaria obtendo apoio dos negros e mulatos por meio da distribuição de gêneros alcoólicos – como o rum e os licores, ambos muito consumidos por toda Nova Granada no período (TOVAR, 1983).

Lemaitre completa a cena afirmando, também sem documentos ou fontes, que os negros e mulatos estariam contra as políticas cautelosas de Garcia de Toledo, uma vez que exigiam melhores condições de existência vociferando embriagados pelos efeitos das bebidas alcoólicas (MÚNERA, 2010). Para esse historiador, os partidários da Independência Absoluta estariam descontrolados e violentos, agredindo qualquer um que estivesse em oposição ao plano de assinar a Acta que portavam.

Como acabamos de observar, alguns historiadores de cunho tradicionalista e conservador tanto desprestigiaram a participação popular no *Once* quanto desbotaram as atuações de Pedro Romero. Ao tratarem os negros e mulatos – que se posicionaram contra o regime colonial e exigiram a Independência Absoluta para com Espanha – como os bêbados, insolentes e desordenados, estavam, sim, em contraposição às memórias dos seus líderes e, por consequência, atingindo a autoestima dos grupos ali representados.

Figura 3 – Representação iconográfica de Pedro Romero numa rua do bairro de Getsemaní.



Fotografia: Milton Moura.

Como se pode notar, a historiografia tida como tradicional não se preocupou tanto com Pedro Romero, e até Alfonso Múnera (1998) apontou certa dificuldade para se referir ao personagem pela ausência de fontes – sendo muito delicada qualquer dedução ou afirmação. Neste sentido, como sua memória não foi reduzida a uma mera menção ao se tratar do *Once*?

Para De las Aguas (2016, p. 76), sua memória se manteve, principalmente, em determinados setores sociais, algumas menções em livros e artigos de pouca circulação, e em certas decisões das autoridades de Cartagena de Indias no que se refere aos festejos e comemorações de eventos históricos da cidade.

O resgate do protagonismo de Pedro Romero se deu mais intensamente após as releituras propostas por Alfonso Múnera ao defender sua tese em 1995. De las Aguas (2016) atribui tais ressignificações a quatro fatores que ele considera mais relevantes: os movimentos afrodescendentes que conquistaram maiores espaços no combate ao racismo a partir da constituição de 1991; a resistência contra a gentrificação de Getsemaní – pelo fato de a

revalorização do Centro Histórico estar à mercê das grandes empresas dedicadas ao turismo; a revalorização dos festejos de Independência – afinal, os momentos de festa também acabam por serem utilizados como palanques das representações políticas; e, por fim, a centralização da historiografia moderna no que se refere aos setores populares nas lutas da Independência de Cartagena de Indias.

No que concerne à historiografia contemporânea, ainda que Pedro Romero seja um referencial nas discussões que tentam refletir acerca das participações dos negros e mulatos de Getsemaní – uma vez que se destacou política e socialmente na primeira república de Cartagena (1811-1815) – e seja um dos mais citados nos meios populares; De las Aguas (2015, p. 153) afirma que:

Son inferencias extraídas de una precaria información reducida a su participación política, a la solicitud de dispensa de la condición socio-racial de uno de sus hijos para que se pudiera graduar del colegio-universidad de Santa Fe de Bogotá, a las uniones conyugales de sus hijas con hombres prestantes, como también a una lacónica documentación de archivos sobre sus actividades laborales, simplificada en unos cuantos datos. Esas informaciones no dan ninguna idea acerca de la actividad laboral de este artesano ni de los ingresos que le reportaba, como tampoco sobre la posición que ocupaba su taller en el concierto de los oficios artesanales de esa época (*Ibidem*).

Pouco tempo depois, numa entrevista concedida a Alberto Vives, em 2016, o mesmo historiador voltou a enfatizar que Alfonso Múnera (1998), Aline Helg (2011, 2013), Rafael Ballestas (2011) e Marixa Lasso (2014), até o momento, se referem a Romero a partir de:

[...] Una precaria información de textos como la defensa de José María García de Toledo (1811), de algunas cortas memorias sobre los sucesos del 11 de noviembre de 1811 insertas compilaciones documentales publicadas a finales del siglo XIX, de las escuálidas referencias hechas por Antonio Nariño en su periódico La Bagatela (1811-1812) y por José, Manuel Restrepo (1827). (DE LAS AGUAS, 2016, p. 77).

Como se pode observar, permanecem muitas questões em aberto no que se refere à vida de Pedro Romero. Como proposto como roteiro para este artigo, discutimos agora algumas considerações apresentadas por De las Aguas (2015, 2016, 2017), uma vez que, sobre este personagem tão singular na História de Cartagena de Indias, o historiador conseguiu encontrar e reunir fontes fecundas e, a partir daí, fazer releituras que agregaram consideravelmente neste campo tão esparso. Primeiramente, explanaremos alguns equívocos cometidos por alguns historiadores ao tratarem de tal assunto e, em seguida, serão explanadas algumas inferências acerca da família Romero Porras e, por fim, suas atividades e condições como artesão.

Uma fonte muito recorrida ao se tratar de Cartagena de Indias em finais do século XVIII é um censo realizado em Getsemaní no ano de 1777. Nesse documento, é possível

encontrar um jovem Pedro Romero, vivendo *en la manzana n. 20, de Nuestra Señora del Buen Camino*, junto com seu pai Andrés Romero e madrasta² María Porras.

Solano de las Aguas (2016) atribui falta de atenção de grande parte dos historiadores que se utilizaram de tal fonte por conta de certa tradição que consideraria a origem de Pedro como sendo cubano. Consequente e logicamente, as informações que poderiam ser atribuídas a tal personagem deveriam ser pesquisadas nos acervos cubanos, não em Cartagena de Indias.

Relembremo-nos da afirmação feita por Alfonso Múnera (1998, p. 23) que Pedro Romero é oriundo de Matanzas, Cuba. Provavelmente, tal declaração deriva de seu apelido *Matancero*³, que, para De las Aguas (2016, p.84), se refere àquele responsável pelo abate de porcos – segundo a documentação do fundo de *Abastos del Archivo General de la Nación (AGN) de Colombia*. Como uma hipótese, propõe que, durante a escassez de alimentos em 1808, o *Cabildo* de Cartagena de Indias ordenou que se confiscassem alguns porcos em Getsemaní, ressarcindo os proprietários, para que se procedesse a um abate público e os alimentos devidamente distribuídos. Como seria uma medida impopular, logicamente se deveria escolher alguém que detivesse certo prestígio entre os habitantes do bairro, sendo designado Pedro Romero – segundo o informe do comandante do *Arsenal de la Marina al Virrey*.

Em um processo jurídico que ocorreu no ano de 1776, é possível conceber a existência de dois vizinhos da família Romero Porras. Ambos eram brancos de origem espanhola, atuando como mestres *armeros*. Pouco tempo depois, surgiria mais um vizinho com iguais condições étnicas e laborais (DE LAS AGUAS, 2015, p. 156). É possível conjecturar que tais personagens acabaram, de certo modo, por influenciar os ofícios de Pedro – sendo estes a especialização na fundição, ferraria, cerraria e técnicas de *armeria*.

[...] con base en los indicios de archivos es factible conjeturar tres influencias en la dedicación de Pedro Romero a los oficios de herrería, fundición, cerrajería y armería. La primera es que, según el censo de Getsemaní de 1777, al lado de la familia Romero Porras vivía el fundidor Francisco Torrente, de 46 años de edad. La segunda es obvia: Getsemaní era un gran taller de diversos oficios. Pero a los niños y jóvenes debió llamarle la atención la s ocupaciones que estaba vinculadas con el Apostadero-Arsenal. Y la tercera es que de ser cierta la suposición que he hecho de que podía estar emparentado con el herrero Francisco José Romero que se registró en la documentación de 1741 (obsérvese que hablo en un tono hipotético), este debió influir en la dedicación de nuestro personaje a esos oficios. (DE LAS AGUAS, 2016, p. 85)

² Las Aguas deixa subentendido que María Porras seria sua madrasta uma vez que se refere à família paterna de Pedro Romero (DE LAS AGUAS, 2015, p. 156).

³ Paolo Solano (2017) elucida que o apelido provém, além de um escrito de Antonio Nariño – que o ressalta como o “*matancero*” –, de uma publicação anônima de 1880 – a qual afirma que Pedro Romero nasceu em Matanzas, O historiador também relembra que a *Real Academia de la Lengua Española*, no século XVIII, empregava o adjetivo para os indivíduos naturais de tal cidade.

Ainda sobre o censo de 1777, é possível encontrar uma jovem de 13 anos chamada Marcelina Romero, possivelmente irmã de Pedro. Em 1793, num registro da *Real Fabrica de Cigarros*, local onde trabalhavam mulheres, esta jovem é citada novamente exercendo o cargo de *portera*. Já em 1816, após a Reconquista – quando o General Pablo Morillo ordenou a execução de centenas de cartageneiros –, Marcelina reaparece reivindicando algumas posses do seu legítimo irmão, Pedro Romero, classificado como insurgente e, portanto, havia tido alguns dos seus bens confiscados e outros destruídos pelo representante de Espanha (DE LAS AGUAS, 2016, p. 81-82). Para o historiador, este seria um forte argumento que corrobora com a ideia de que o Pedro Romero citado no censo de 1777 é o mesmo que liderou o levante vindo de Getsemaní no *Once*.

Sobre a esposa de Pedro, María Gregoria Domínguez, De las Aguas (2016) ressalta que, a partir do censo de 1777, um processo judicial que ocorreu em 1779 e a lista de artesãos do bairro de Santa Catalina, em 1890, sua união ocorreu, provavelmente, entre os anos de 1779 e 1780. Neste sentido, é possível desconstruir a narrativa de que Pedro já veio casado de Cuba com quatro filhas, caso se observe que o nascimento dos seus filhos aconteceu somente depois da década de 1780.

Em 1808, seu primogênito, Pedro Romero Domínguez, estava alistado como soldado na *Compañía 1ª de Granaderos del Regimiento Fijo de Cartagena*. Para De las Aguas, este fato indicaria que seus filhos estariam enquadrados como *tercenores* ou *quarteirones*, ou seja, seriam “portadores” de um terço ou um quarto de “sangue branco” (2016, p. 83).

No pedido de alteração da condição jurídica racial de seu filho, Mauricio José Romero Domínguez, em 1810, para que pudesse estudar na Universidade de Santa Fé de Bogotá, Pedro Romero afirma ser originário de Cartagena de Indias. Esta fonte é curiosa, pois, além de indicar certo grau de instrução por parte do filho de Pedro, em nenhum momento se identificou como cubano. Las Aguas (2017) ainda aponta que podem ser encontradas, em fontes guardadas em Madrid, algumas informações sobre sua ascendência derivadas do *Ministerio de Justicia y Gracia* – órgão que julgou as questões de Mauricio José.

Outro registro que pode indicar mais um dos possíveis filhos de Pedro Romero é o que se refere a Estéban Romero. Até o momento, referências a Estéban só foram encontradas em alguns registros de arquivos e numa menção feita por José Ignacio de Pombo em 1810. O personagem não é observado nos censos de 1780 relativos aos cinco bairros de Cartagena. Em 1797, numa lista de indivíduos com idades entre 15 e 45 anos que estariam isentos de prestar serviços militar, Estéban José Romero aparece como um ferreiro *matriculado* residente do bairro de Getsemaní (DE LAS AGUAS, 2017). Num outro registro de 1808, o rapaz

novamente aparece negociando com a *Maestranza de la Artillería*. Nada tão conclusivo, mas pode ser que tenha sido um dos descendentes de Pedro Romero.

Logo nos primeiros anos do século XIX, Pedro Romero se encontra, também, associado a um tal Andrés Romero em negócios relacionados ao *Apostadero de la Marina*. Embora não se possa ter certeza de quem seja, este provavelmente é o seu irmão mais novo. De las Aguas (2017) propõe que Andrés talvez tivesse uma relação fraternal com Pedro, uma vez que o responsável pelo registro de 1777 anotou duas moças coincidentemente chamadas Andrea na família Romero Porras, tendo, inclusive, pouca diferença de idade entre si, o que poderia indicar um equívoco.

Para prosseguir, é necessário que voltemos mais uma vez ao censo realizado em 1777 no bairro de Getsemaní. De las Aguas (2016) aponta outro equívoco comum entre os historiadores. Neste caso, uma confusão relacionada ao local do Atelier de Pedro Romero, localizado no bairro de Santa Catalina, e sua residência, no bairro de Getsemaní. Para o historiador, existe uma compatibilidade, tanto de idade quanto de ofício, entre o Pedro Romero citado em 1777 e um homônimo em 1780, o que indicaria que o artesão já possuiria seu próprio local de trabalho nessa década.

O trabalho artesanal voltado à ferraria de Pedro Romero se destacou, fundamentalmente, pelas suas relações com o *Apostadero de la Marina*. Solano de las Aguas (2015) descreve suas atitudes como sendo equivalente à de um pequeno empresário, que tomou controle de determinados meios de produção do seu mundo laboral. Romero constituiu, com destacado sucesso, as mudanças que o mundo dos Artesãos vivenciou na segunda metade do século XVIII – como a crescente necessidade de mão de obra livre no que se refere à defesa da cidade e ao aumento dos artesãos nativos em detrimento daqueles vindos de Espanha, por exemplo.

Gracias a su trabajo, a un estilo de vida decoroso y responsable, y al privilegio de asentista en el *Apostadero*, logró consolidar una posición de clase que lo colocó por encima de los demás artesanos, y tuvo los medios necesarios para disputar algunos aspectos sociales que sólo se les reconocían a las élites blancas. (DE LAS AGUAS. 2015, p. 154).

Romero conseguiu se qualificar para os contratos, principalmente, pelas habilidades diversificadas e pelo bom serviço que prestava. Conseguia manusear metais mais duros e convertê-los nas diversas utilidades que necessitassem. Isto se pode verificar na Figura 4, que traz o sino da igreja da *Virgen de la Candelaria*. Sua ascensão se deu pelo trabalho honesto; era um bom vizinho e fiel vassalo, responsável e respeitável (DE LAS AGUAS. 2015, p.166).

Não se portou como alguém que escandalizava a sociedade. Sendo assim, além de ser o ferreiro e fundidor com maior destaque, possuía o mais completo atelier de Cartagena.

Su taller debió tener fraguas y hornos para fundir metales martinetes para darle formas, yunques, sección de moldeado para fundir piezas; y todas herramientas las consiguiera de segunda mano cuando los talleres de las defensas de la ciudad las deban de baja. La parte de la fundición era clave pues en ese entonces se trabajaba con moldes de barro elaborados con la técnica de la cera vaciada. (DE LAS AGUAS, 2016, p. 86).

Sendo assim, Pedro conseguiu centralizar a totalidade dos *asientos*⁴ relacionados aos metais pesados no que se refere às obras da cidade e para as embarcações no porto de Getsemaní. Consolidou-se no mercado do *Apostadero de la Marina* – que dependia quase que exclusivamente dos seus trabalhos e, como em Cartagena a construção de navios era escassa, os reparos se mostraram essenciais à vida marítima como aponta Solano de las Aguas:

La documentación consultada relativa a trece años muestra que las naves estaban sometidas a muchos contratiempos y a deterioros continuos por la acción del clima, de los vientos y de la mar. Esto ocasionaba eventualidades que era necesario corregir, por lo que algunas destinaciones específicas del presupuesto nominal podían quedarse cortas y demandar partidas extraordinarias. Este era el caso de los trabajos que realizaba Pedro Romero con metales que, como el hierro, estaban sometidos a rápidos deterioros. (DE LAS AGUAS. 2015, p. 162).

Figura 4 – Sino fundido por Pedro Romero na igreja do Convento dos Agostinianos, Cerro da Popa, Cartagena de Indias. Pormenor com o nome do artista.



Fotografia: Milton Moura

⁴ A monarquia espanhola, desde muito tempo antes dos acontecimentos do *Once*, organizou um sistema de contratos, ou como chamavam na época *asientos*, com particulares. Para que estes conseguissem tal privilégio, era necessário certa disposição de recursos e muito conhecimento na área requisitada. Os contratos ocorriam com o propósito de prover ao Exército da Marinha Imperial. (DE LAS AGUAS. 2015, p. 157)

As condições de vida de Romero eram muito melhores, inclusive, que a de muitos brancos espanhóis e *criollos* – gozou da condição de *asientista* entre os anos de 1786 e 1810. O testemunho de Mauricio José Domínguez, filho de Pedro, continha trinta e quatro pontos de comércio em casas distribuídas no *Portal del Puente*. A documentação ainda nos mostra a posse de escravos, ainda que sem especificar muito. De las Aguas ainda pontua que era uma posição bem destacada para o início do século XIX.

Las comparaciones permiten concluir que, aunque ejercía oficios artesanales, Pedro Romero se distinguía de sus congéneres por sus ingresos y, en consecuencia, por su nivel de vida y las posibilidades sociales y políticas que todo esto le brindaba (DE LAS AGUAS. 2015, p. 165-6).

Num documento de 1787, é possível notar que o artesão não mais trabalhava em seu atelier localizado na Rua da Amargura, como demonstra o censo realizado em 1780. Las Aguas (2016) aponta que não conseguiu localizar onde estaria seu outro local de trabalho e propõe que seja o atelier de Romualdo Rodríguez, uma vez que, num registro de 1795, é possível encontrá-lo como um *tratante*, ou seja, comerciante de média escala e não como um artesão, como Romero. (DE LAS AGUAS, 2016, p. 87)

Sobre sua condição de *contratado*, para conseguir tal vantagem, seria necessário comprovar que estaria em plena competência de cumprir as necessidades dos pedidos – assim como pagar uma taxa ao governo local que serviria para pagar quaisquer adventos que pudessem ocorrer, seja algum atraso ou o não cumprimento do contrato, como também possuir a verba para custear-se nos primeiros instantes de produção. De las Aguas (2016) revisou grande parte das informações contidas no *Archivo General de la Nación*, assim como o *Archivo General de Simancas*, e concluiu que Pedro Romero, durante o período em que esteve a serviço do Arsenal, recebeu por volta de \$119.596,00 *pesos fuertes* (956.768 *reales*), para uma média anual de 9.200 *pesos* (65.744 *reales*).

Gracias a los continuos trabajos en condición de asentista del Apostadero-Arsenal, Romero contó con los suficientes recursos para ir ensanchando y mejorando su taller, hasta combinar las labores de herrería, fundición, armería y cerrajería con singularidades en el contexto laboral de la ciudad. La producción del taller estaba sometida a las demandas de Arsenal. (DE LAS AGUAS, 2016, p. 87).

Como um artesão de sucesso no mundo cartageneiro, Pedro Romero não deixou de demonstrar que era um homem respeitável. Em dezembro de 1808, contribuiu com 1000 *reales* para a defesa do rei espanhol contra a invasão dos exércitos franceses. Dentre os 739 contribuintes – sendo estes os administradores, marinheiros e trabalhadores do *Apostadero de la Marina* –, Romero foi aquele que mais doou. Seu suporte à Coroa foi igual ao de nove altos

oficiais da marinha e superior ao de dez altos oficiais, superado apenas pelo comandante do *apostadero* e outros oito funcionários e proprietário de barcos (LAS AGUAS, 2017).

Pedro Romero foi se destacando como um símbolo dos setores de artesãos que batalhavam pela melhor qualidade de vida e por uma melhor posição dentro da sociedade cartagenera a partir do momento em que foi preso arbitrariamente em 1779. Sua condição de *asientista*, para De las Aguas (2017), foi fundamental para seu protagonismo nos eventos que se desenrolaram a partir de 1810 – ano em que o *Cabildo*, junto com os setores mais populares de Getsemaní, depuseram o governador escolhido pelo *Virrey*.

Su evolución política de fiel vasallo a partidario de la república se dio, al igual que el resto de los dirigentes de la independencia, al calor de los cambiantes acontecimientos que vivió la monarquía española entre 1808 y 1812. Debió pertenecer a las redes políticas de sectores de las elites. Las negociaciones que entabló en 1810 con José María García de Toledo así lo demuestran⁵.

Pedro Romero também soube inspirar e expressar os desejos e esperanças daqueles que estavam à sua volta. Seu protagonismo e sua

ascendência foram tamanhos que no dia 11 de novembro de 1811 se pôs à frente dos *Lanceros de Getsemaní* para intentar contra a ordem e os privilégios de uma elite dirigente racista e o sistema colonial escravocrata.

Era un hombre clave pues la condición de armero le permitía acceder a muchos fusiles y pistolas. Y la condición de herrero y fundidor le permitía fabricar machetes y lanzas.⁶

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixar Pedro Romero em evidência, elevando seu devido papel como um protagonista na História de Cartagena de Indias, é fundamental para reposicionar e reconfigurar uma narrativa historiográfica que, desde seus primórdios, excluiu e/ou desmoralizou a participação dos negros e mulatos, principalmente aqueles relacionados ao bairro de Getsemaní. A partir de tais leituras, também é possível perceber como funcionaram as ascensões e transformações em finais do século XVIII, na derrocada do sistema colonial.

⁵ EL UNIVERSAL. “*Pedro Romero no era Cubano*”, 23 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.eluniversal.com.co/suplementos/facetas/pedro-romero-no-era-cubano-251477-EVEU362024>>. Acesso em: xx de xx de 2020.

⁶ *Ibidem*.

Um dos casos que marcaram sua trajetória é citado por Múnera (1998) e De las Aguas (2016). Trata-se da tentativa de alterar a condição racial de um dos seus filhos para que este pudesse se formar numa universidade. A proposta, segundo De las Aguas (2017), deve ter sido positiva. Mostra-nos como, ainda que Pedro fosse alguém de grande destaque, tanto social e econômico quanto político no cenário cartageneiro, ainda estaria sujeito ao sistema racista da época.

Esta observação nos ajuda a compreender um pouco mais acerca da condição e da subjetividade do mulato que liderou a tomada do *Cabildo* de Cartagena no dia 11 de novembro de 1811. As mudanças a partir da Independência Absoluta, nos breves anos de república, demonstram que, para ocupar tais espaços, para que se alcance o mínimo de equidade, é necessário tomar e impor – mesmo que sem conseguir tudo aquilo que é necessário.

A elite *criolla* arranjou suas narrativas de maneira mais eloquente durante muito tempo. Outrora descrito aquele que liderou um movimento popular desordeiro e comprado com bebidas alcoólicas, Pedro Romero, no âmbito das próprias narrativas conservadoras, não ficou imune às tentativas de branqueamento nos discursos mais conservadores (DE LAS AGUAS. 2015, p. 166).

Por ser um campo de pesquisas e inferências muito aberto e amplo, que possui dificuldade em firmar-se como uma verdade, seja pelas tradições que confundem ou a falta de fontes, a vida de Pedro Romero é um palco de disputas. O que cabe reconhecer é a força da sua memória, que sobreviveu por duas centenas de anos, sendo muito recentes as discussões mais aprofundadas a seu respeito.

De las Aguas desenvolveu um trabalho motivador e notório, buscando informações em inúmeros arquivos e revitalizando fontes muito visitadas. E mesmo conseguindo fazer repensar boa parte da trajetória de Pedro Romero, o historiador cartageneiro insiste em afirmar que ainda não é o suficiente (2016). Restam muitas lacunas e questões, arquivos e informações que precisam ser postos em evidência.

Mesmo que exista uma narrativa tradicional muito forte, a ciência histórica não pode deixar de posicionar-se de modo consistente em termos de metodologia para elucidar questões e elevar ao devido protagonismo os personagens marcantes cuja memória costuma estar por um fio.

REFERÊNCIAS

BALLESTAS, R. **Pedro Romero, verdades, dudas y leyendas sobre su vida y su obra.** Cartagena: Universidad Libre, 2011.

CASTELLUCCI JUNIOR, W. **Cartagena de Indias e Salvador: uma análise comparada da história colonial americana – 1780 - 1850.** In: REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA, Rio de Janeiro, 7,2: 90-121, 2013.

DE LAS AGUAS, S. **Cartagena de Indias.** Sociedad, trabajadores y independencia en el tránsito del siglo XVIII al XIX. [Entrevista concedida a] VIVES, Alberto. Cartagena de Indias, 2016

_____. **Pedro Romero, el artesano: trabajo, raza y diferenciación social en Cartagena de Indias a finales del dominio colonial.** Hist.Crit. [online]. N.61, pp.151-170, Dezembro de 2015.

EL UNIVERSAL. **“Pedro Romero no era Cubano”**, 23 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.eluniversal.com.co/suplementos/facetas/pedro-romero-no-era-cubano-251477-EVEU362024>>. Acesso em: xx de xx de 2020.

HELG, A. **Libertad e igualdad em el Caribe colombiano 1770-1835.** Medellin: Banco de la República, 2011.

_____. De castas a pardos. Pureté de sang et egalité contituinnelle dans le precessus inpedendantiste de la Colombie Caraibe. In: HÉRBRARD, Véronique Hérbrard, VERDO, Geneviève (eds.). **Las independencias hispanoamericanos: un objeto de historia.** Madrid: Casa de Velásquez, pp. 181-196, 2013.

LASSO, M. **Mitos de Harmonía Racial. Raza y republicanism durante la era de la revolución.** Bogotá: Universidad de los Andes, 2013.

LEMAITRE, E. **Historia General de Cartagena de Indias.** Bogotá: Banco de la República: 1983, 4 v.

MÚNERA, A. **El Fracaso de la Nación.** Región, clase y raza en el Caribe colombiano (1717-1821). Bogotá: Ed. Planeta Colombiana, 1998.

_____. Negros y Mulatos en la Independencia de Cartagena de Indias: un Balance. In: BONILLA, Heraclio (editor). **Indios, Negros y Mestizos en la independencia.** Bogotá: Planeta, 2010.

RESTREPO, J. M. **Historia de la República de Colombia.** Bogotá: Talleres Gráficos, 3 ed., 1942-1950, 8 v.

SINNING, E. R. **Proclamaciones, exaltaciones y celebraciones en el Caribe Colombiano.** Siglos XVIII-XIX. Cartagena de Indias: Ediciones Pluma de Mompo, 2008.

TOVAR, G. M. La política fiscal del estado colonial y el monopolio de la industria del aguardiente en la nueva granada durante el siglo XVIII. In: **Revista Desarrollo y Sociedad,**

Universidad de los Andes - CEDE, Janeiro, 1983.

URUETA, J. **Cartagena y sus cercanías**: guía descriptiva de la capital del departamento de Bolívar. Cuidadosamente corregida, notablemente aumentada y ilustrada por Eduardo de Piñeres. Cartagena de Indias: Tipografía “El Mogollón”, 1912.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

MOURA, A; NASCIMENTO, E. L. O Perfil de Pedro Romero na Historiografia Sobre a Independência de Cartagena de Indias. **Rev. FSA**, Teresina, v.18, n. 01, art. 6, p. 289-312, jan. 2021.

Contribuição dos Autores	M. A. Moura	E. L. Nascimento
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X